

10 LIÇÕES DO VIETNÃ QUE TODO MILITAR COMBATENTE DEVERIA CONHECER*

RUDIBERT KILIAN JÚNIOR**
Capitão de Mar e Guerra (RM1-FN)

No 50º aniversário do início da fase convencional da Guerra do Vietnã, a Revista *Marine Corps Gazette* ofereceu aos leitores a enumeração de dez lições daquele conflito, as quais se aplicam no presente e no futuro, oferecendo um conhecimento enriquecedor.

Como a história evidencia, no alvorecer daquele conflito, na região da Indochina, onde a onda socialista se propagava e vigiava a estratégia da contenção por parte dos países capitalistas e liberais capitaneados pelos Estados Unidos da América (EUA) em oposição a ex-URSS, os líderes militares dos EUA

falharam no entendimento do adversário que confrontavam e do tipo de conflito em que estavam entrando. Por conseguinte, escolheram perseguir uma estratégia militar que requereu um custo inaceitável em termos de vidas humanas e que não permitiu que se alcançassem os objetivos políticos na região. Os norte-americanos foram derrotados, embora tivessem ganho quase todas as batalhas. Mas como disse o líder Ho Chi Minh ao Coronel Summers, do Exército norte-americano, ao ser contestado por ele em Paris: “... isto era irrelevante”, pois, como líder político e militar, sabia que o importante era a

* Tradução sintetizada feita pelo autor do artigo “10 Lesson of Vietnam”, escrito pelo Major Herbert J. Bowsher (USMCR) e publicado na *Marine Corps Gazette*, Quantico, vol. 99, Iss. 11, nov. 2015, pp. 78-80.

** Assessor de Política, Estratégia e Cenários Prospectivos do Comando do Desenvolvimento Doutrinário do Corpo de Fuzileiros Navais (CDDCFN). Comandou o 2º Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais (Batalhão Humaitá) e o Centro de Instrução Almirante Milcíades Portela Alves (Ciampa). Foi instrutor de Cenários Prospectivos da Escola de Guerra Naval (EGN).



Figura 1 – As nações anfitriãs devem ter legitimidade. Foto: Oficial USMC

situação política final (*end state* — estado final político) a ser alcançada.

Para provocar a correta reflexão e um melhor preparo para os desafios do futuro, citam-se as lições de *per si*:

LIÇÃO 1: CONHEÇA O INIMIGO

No começo da intervenção de força dos EUA no sudeste asiático, os líderes militares norte-americanos não conheciam a rica história do povo do Vietnã nem priorizaram o aprendizado sobre o inimigo que estavam a enfrentar. A liderança civil do Departamento de Defesa viu o conflito como um problema de “tiro ao alvo” e zombou da ideia de que os norte-vietnamitas eram um adversário formidável. Uma das principais lições da história do envolvimento norte-americano foi a drástica consequência da falha de não compreender a vontade e a tenacidade do adversário comunista. Permitiram-se ser cegos pelas vantagens tecnológicas e pelo poder de fogo e acharam que o inimigo

iria facilmente se submeter à sua vontade. Não foi o caso, como os norte-vietnamitas demonstraram por meio de um compromisso resoluto e fanático em um longo conflito, apesar dos custos materiais e em vidas humanas.

LIÇÃO 2: CONHEÇA O TIPO DE CONFLITO EM QUE SE ESTÁ ENTRANDO

Os comunistas estavam engajados em um conflito ilimitado, usando todos os meios à sua disposição. Os EUA intervieram sem demonstrar a compreensão dessa realidade. As forças norte-americanas foram enviadas ao Vietnã para um conflito com objetivos limitados sem o benefício da mobilização total do Poder Nacional. Além disso, os comunistas usaram a tática de guerrilha, bem como táticas convencionais (forma híbrida), com uso de procedimentos e técnicas não convencionais. Os líderes militares dos EUA decidiram perseguir uma estratégia fortemente orien-

tada a uma guerra convencional, com a restrição de ser um conflito de objetivos limitados. Essa decisão demonstrou falta de compreensão do verdadeiro caráter da guerra em que se encontravam.

LIÇÃO 3: É ESSENCIAL UM DESENHO OPERACIONAL INTELIGENTE

Em 1965, a liderança militar decidiu implementar uma estratégia orientada pela atrição e pelo poder de fogo convencional. A decisão levou a maus resultados, que poderiam ser antecipados por um grupo de planejadores focados. A estratégia implementada colocou as unidades norte-americanas na liderança da manobra, marginalizando o Exército da República do Vietnã tanto em percepção como em realidade. A decisão de perseguir uma estratégia de atrição não descartou quaisquer esforços de contrainsurgência. Entretanto o problema é que os esforços das operações convencionais não foram integrados e coordenados com os de contrainsurgência e de pacificação e que as grandes operações de busca e destruição diminuíram os benefícios que estavam sendo alcançados pelas forças contrainsurgentes nas aldeias.

LIÇÃO 4: NUNCA ESCOLHA COMBATER DE UMA POSIÇÃO DE FRAQUEZA

Os líderes militares aquiesceram com as restrições impostas pelas normas ditadas por políticos em Washington. Eles formularam uma estratégia centrada em uma defesa passiva na linha de fronteira do Vietnã do Sul, concedendo a iniciativa ao inimigo. Os planejadores militares dos escalões mais altos colocaram as forças convencionais em uma posição fraca, o

que as obrigou a constantemente reagir ao inimigo que estava combatendo sem quaisquer restrições.

LIÇÃO 5: ALINHE A ESTRATÉGIA MILITAR À SITUAÇÃO POLÍTICA FINAL DESEJADA (*POLITICAL END STATE*)

Na primeira metade da década de 1960, a liderança militar norte-americana tinha o benefício de ter claramente estabelecido o objetivo nacional no sudeste asiático. A situação política final desejada naquele Teatro de Operações (TO) era um Vietnã do Sul independente e não comunista. Entretanto a estratégia militar dentro daquele TO sofreu de uma clara falta de unidade de propósito. Sempre pareceu haver dessintonia e conflito entre os partidários da “outra guerra” da pacificação e os das operações de busca e destruição. Dentro dos programas de ações cívicas, que fizeram uma tentativa na contrainsurgência e pacificação, havia falta de unidade de esforço. Todo o esforço de ação cívica foi caracterizado por desorganização, gerenciamento fraco e ausência de métricas de desempenho. Todas essas deficiências apontavam para problemas na implementação de uma estratégia coerente, exequível e aceitável para dirigir os esforços das forças militares no TO.

LIÇÃO 6: COMPREENDA O CONCEITO DE CENTRO DE GRAVIDADE (CG) ESTRATÉGICO

A liderança militar norte-americana pareceu não compreender a importância da opinião pública no conflito do Vietnã. À medida que o número de baixas crescia, tornou-se claro que cada soldado ou

fuzileiro naval morto em ação retornou a um custo decrescente no apoio do povo ao conflito. A ofensiva do Tet demonstrou que o apoio do público norte-americano à guerra era o CG estratégico. A impressão geral era de que a ofensiva criada indicava que as forças norte-americanas estavam combatendo de uma posição de fraqueza. A percepção das forças aliadas na defensiva e o grande número de baixas, apesar da derrota militar do inimigo, levaram o povo americano à perda de confiança na estratégia militar no Vietnã. Se os líderes militares tivessem compreendido o CG estratégico do conflito antes de terem comprometido grandes efetivos de forças em 1965, eles teriam se voltado contra uma estratégia de atrição com unidades convencionais na liderança. Qualquer planejador inteligente teria antecipado que tal estratégia seria acompanhada por perdas humanas inaceitáveis, particularmente se o planejador tivesse a vantagem da compreensão da vontade do inimigo. O CG estratégico passou a ser o apoio do público doméstico, uma face que o inimigo compreendeu e usou para obter vantagens. Uma vez que a opinião pública norte-americana se voltou contra a guerra devido ao impressionante número de baixas, a liderança militar tinha perdido o “momento” para buscar uma estratégia melhor. Nesse momento os comunistas tinham selado a sua vitória.

LIÇÃO 7: A LEGITIMIDADE DO GOVERNO DO PAÍS ANFITRIÃO É FUNDAMENTAL NA DEFESA INTERNA ESTRANGEIRA

Os militares norte-americanos implementaram uma estratégia que, efetivamente, marginalizou as Forças Armadas da República do Vietnã. Quando a liderança militar dos EUA teve a compreensão da

necessidade vital de adestrar e legitimar aquelas instituições, já era tarde demais. O mais importante emprego dos militares dos EUA deveria ter sido “desenvolver (instruir e adestrar) as Forças Armadas do Vietnã do Sul de modo que tivessem êxito na tarefa de pacificar e defender seu próprio país”. Até 1969 as Forças Armadas do Vietnã do Sul ficaram definindo e se armando até os dentes pelos norte-americanos. O antigo secretário de Defesa, Robert McNamara, reconheceu – embora um pouco tarde demais – que “uma força estrangeira não pode substituir a ordem política e a estabilidade, as quais devem ser forjadas pela própria força e pelo povo nativo”.

LIÇÃO 8: OBTENHA UNIDADE DE ESFORÇO EM TODO O PROCESSO INTERAGÊNCIAS

Uma forte impressão de um estudo sobre o envolvimento dos EUA no Vietnã, particularmente entre 1965 e 1967, é que parecia que ninguém estava no comando do esforço aliado no sudeste asiático. Dada a natureza do conflito, a escolha lógica para o papel do exercício do comando deveria ter sido do embaixador norte-americano. A realidade foi de uma trágica falta de unidade de esforço entre as diversas agências do governo que estariam supostamente trabalhando em prol de um objetivo – de um Vietnã do Sul independente e não comunista. Muitas agências tinham interesse no bem-estar do morador sul-vietnamita, incluindo a Agência Central de Inteligência (CIA), a Agência para o Desenvolvimento Internacional, o Comando de Assessoramento Militar para o Vietnã, o Exército da República do Vietnã e muitas organizações privadas. Entretanto todo o esforço era carente de coordenação e medidas de efetividade

apropriadas. Com a decisão precoce de focar no poder de fogo e nas operações de busca e destruição, os líderes militares aliados não fizeram esforços para apoiar a população civil, a prioridade que seria requerida em termos de recursos e supervisão. Em suas memórias, McNamara afirmou novamente, anos mais tarde, que a falta de unidade de esforço foi a maior causa do desastre no Vietnã.

LIÇÃO 9: ENTENDA A DIFERENÇA ENTRE GUERRILHA PARTISAN E GUERRILHAS INSURGENTES

A insurgência no Vietnã do Sul era alimentada por duas fontes distintas: externamente, o governo do Vietnã do Norte estava apoiando ativamente o vietcongue (vietnamita comunista); internamente, a falta de adequada governança gerou ressentimentos. As condições no sul eram tão ruins – em parte devido à estratégia de busca e destruição norte-americana e seus efeitos secundários – que insurgentes internos estavam sendo criados como resultado da situação caótica vivida. O Exército dos EUA focou seu esforço nos insurgentes apoiados externamente (guerrilha partisan), mas não lidou adequadamente com as condições que forjaram o crescimento da insurgência interna (guerrilha insurgente). Como um antigo fuzileiro naval integrante do Programa de Ação Combinada (CAP) e o autor Michael Peterson observaram, a resposta à ameaça da guerrilha insurgente era mais complicada, envolvendo dimensões políticas e socioeconômicas. Peterson aponta que qualquer plano para se contrapor aos guerrilheiros insurgentes devia lidar com as causas que estavam na raiz da insurgência. Um resultado significativo da negligência na distinção entre os

dois tipos de guerrilha foi a proliferação dos refugiados (entre 4 e 5 milhões de pessoas se tornaram refugiados durante a guerra), o que, obviamente, piorou o ressentimento entre os moradores do Vietnã do Sul. Os refugiados, arrancados de suas casas, tornaram-se uma imediata fonte de recrutamento para os vietcongues.

LIÇÃO 10: PODER AÉREO SOZINHO NÃO CONSEGUE ALCANÇAR UMA DECISÃO NO CAMPO DE BATALHA

Várias campanhas aéreas conduzidas ao longo do conflito demonstraram a futilidade de confiar tão-somente no poder aéreo para alcançar objetivos militares. O problema residia no fato de que era relativamente fácil se defender e que as campanhas geravam grande número de aeronaves perdidas. Logo, elas não atendiam ao objetivo de submissão do inimigo e à minimização de baixas norte-americanas. Em aditamento, as campanhas aéreas criaram centenas de prisioneiros de guerra (POW), que, além de serem um desastre humanitário e um embaraço para os militares, geraram uma moeda de troca valiosa para o inimigo. A situação em que o poder aéreo se fazia mais exitoso era no contexto do apoio aéreo aproximado às forças em terra, como foi na batalha de An Loc em 1972, quando o poder aéreo foi uma arma de apoio que fez uma grande diferença no sucesso do Exército da República do Vietnã; entretanto as forças terrestres que se mantiveram em pé e combateram foram as que se mostraram decisivas.

Um tema contínuo de todas as lições a serem entendidas desse conflito está na importância do desenho operacional no planejamento da campanha. As falhas militares no Vietnã demonstraram a relevância de atividades capitais do



Figura 2 – Vista aérea de uma típica aldeia vietnamita, possivelmente o centro de gravidade. Foto: Oficial USMC

planejamento militar, como o Sumário de Inteligência e a análise do centro de gravidade. A decisão dos líderes militares mais elevados de perseguir uma estratégia militar pesadamente orientada à atrição, em detrimento de adestrar as Forças Armadas do país anfitrião – como a abordagem de “busca e destruição” em vez de uma de

“limpeza e manutenção” –, evidenciou uma trágica falta de entendimento do contexto e de pensamento crítico. Finalmente, o conflito é um lembrete austero de que na guerra as responsabilidades dos comandantes e estados-maiores são graves porque “os recursos que eles utilizam são as vidas humanas”.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<GUERRAS>; Guerra do Vietnã;
<ARTES MILITARES>; Estratégia; Guerra; Tática;